

Degradação leva o índio ao suicídio



Rosa Berardo

**DESCARACTERI-
ZAÇÃO**
*Choque de
cultura chega ao
ponto em que o
índio sabe que
não pode ser
branco, mas que
não é mais
índio*

No Mato Grosso do Sul registra-se o maior número de suicídio entre os índios da nação Kaiowá

MÁRIO DE MORAES

Especial para O Popular 2

Em 1993 foi comemorado o Ano Internacional das Populações Indígenas. Muito parlavório, muitas promessas, mas poucas realizações práticas a favor do nosso silvícola.

Quando do descobrimento do Brasil, existiam mais de cinco milhões de índios em nosso país, hoje reduzidos, segundo o último censo, a menos de 260 mil, o que significa que desapareceram numa média de 1 milhão a cada século.

De acordo com a Funai, esses remanescentes estão reunidos em torno de 150 grupos, espalhados por todo o Brasil: 51% na região Norte; 21% na Nordeste; 19% na Centro-Oeste; 6% na Sul e 3% na Sudeste.

De quando em quando, a fim de demonstrar que o governo está fazendo alguma coisa pela preservação do nosso índio, são realizados encontros, como o que aconteceu recentemente em Brasília no final de setembro, e que tinha como objetivo debater a situação da mulher indígena em nosso País.

A esse conclave compareceu a antropóloga Ruth Cardoso, que recebeu, de presente, um lindo cocar dos índios terenas. Tudo muito alegre, muito festivo e bonito, mas no final, o que se viu foi o ministro da Justiça, Nelson Jobim, informar que entregara, ao presidente Fernando Henrique Cardoso, o rascunho de um decreto ou de medida provisória, que pode transformar em terra de ninguém 340 das 545 reservas indígenas do País.

Trocado em miúdos, isto quer dizer que fazendeiros, posseiros, garimpeiros, mineradores, aventureiros e até mesmo Estados e municípios, se aprovada a proposta de Jobim, poderão simplesmente invadir aquelas áreas, derrubando de vez o Decreto 22, que desde 1991

regula a demarcação das terras indígenas.

Segundo o sertanista Sydney Possuelo, ex-presidente da Funai, se isso vier a acontecer, "não haverá mais demarcação de áreas indígenas no País". Obviamente, os índios vão reagir e mais conflitos e mortes virão.

A ferro e fogo - É bem possível que tenham exagerado nas demarcações, se levarmos em conta que, nos últimos quatro anos, a Funai demarcou 28 áreas indígenas que somam 170 mil quilômetros quadrados, 40% das demarcações feitas desde 1910.

É claro, também, que não é fácil resolver esse problema. Os Estados Unidos, que vivem a nos criticar, não conseguiram. Basta visitar uma das suas "reservas indígenas", para ver em que condições vivem, hoje em dia, os seus peles-vermelhas.

É preciso, no entanto, encontrar um meio termo, que satisfaça as duas partes, a coisa não podendo ser resolvida a ferro e fogo. Quando se alega que a maioria dos nossos índios está aculturada e que tem mais vantagens que obrigações, é bom lembrar que, quem os tornou como são hoje, fomos nós, os falados "civilizados". Foi o homem branco que procurou contato com eles, que prostituiu suas mulheres, que roubou suas riquezas, que lhes levou doenças e vícios, que os escravizou.

Até então a Funai trabalhava com o conceito de presença histórica das tribos nas áreas a elas destinadas. Com o projeto do ministro da Justiça, posseiros e fazendeiros terão 90 dias para contestar as demarcações, mesmo que as tribos indígenas ali estejam instaladas há séculos. O que não surpreende aqueles que conhecem o pensamento de Nelson Jobim, que sempre foi contra o atual processo de demarcação das reservas.

Os kaiowá

Mas a desgraça não se abateu somente sobre essa tribo.

Com os kaiowá, que vivem ao Sul de Mato Grosso do Sul, próximos à cidade de Dourados, a injustiça não foi diferente. Com uma população avaliada em 5.000 índios, vivendo numa área de 3.100 hectares, distante 200 quilômetros de Campo Grande, Capital do Estado, infelizmente muito perto da "civilização", os kaiowá vêm sofrendo toda sorte de atrocidades, levadas pelo homem branco, ávido por tomar-lhes as terras, que ainda são ricas em madeira de valor comercial.

Entre os kaiowá acontece o maior número de suicídios. O mais triste é que os que se matam encontram-se numa faixa etária entre 12 e 20 anos. Esse problema, a partir de 1980, quando a miséria passou a ser mais acentuada entre os silvícolas, atingiu proporções alarmantes. Embora nem todos os suicídios sejam levados ao conhecimento da Funai, só no ano de 1990, 14 kaiowá se mataram.

De início, parecia que o alcoolismo era o maior culpado. Depois, verificou-se que a maioria dos que suicidavam-se não bebia. A conclusão mais aceita é a de que os jovens índios não aguentam mais viver na miséria e sem nenhuma perspectiva de um melhor futuro. Acresce o fato deles não se conformarem com o total desvirtuamento da sua ascendência cultural pelo homem branco. Some-se a tudo isso o fato de que os kaiowá, sem assistência técnica e máquinas para trabalhar a terra, pouco podem produzir em suas áreas cultiváveis. Daí que uma boa parte deles fugiu da aldeia e tornou-se bóia-fria.



Isamaris Corvalho

EXTINÇÃO
 Em três anos, de 1988 a 1990 morreram cerca de 1.500 ianomânis, quase 15% da população total

O triste final da tribo Juma

A maior parte dos suicídios é por enforcamento, mas muitos se matam envenenando-se com defensivos agrícolas. A psicóloga da Funai, Maria Aparecida Costa Pereira, estudiosa do problema, verificou que foram implantadas cinco seitas religiosas na aldeia dos kaiowás, todas tentando convertê-los aos seus dogmas. O que entrou em choque direto com a cultura e crença dos índios. A professora de História do Centro Universitário de Dourados, Maria Wenceslau, foi quem melhor definiu o impasse: "Chega a um ponto em que o índio sabe que não pode ser branco, mas não é mais índio".

Há casos ainda mais dramáticos, como o que envolve a tribo Juma, reduzida a dois casais de velhos e três meninas, que vivem às margens do rio Açua, afluente do Purus, no Amazonas. No final de 1993 eles an-

davam à cata de um marido índio para a jovem Guari, de 14 anos, evitando, assim, a completa extinção da tribo. O único juma, capaz de procriar, morreu aos 35 anos, atacado por uma onça.

E por aí vai. Recentemente os jornais publicaram que o então procurador-geral da Funai viajara para São Paulo para tentar convencer o Tribunal Regional Federal a revogar a decisão judicial que expulsaria 250 índios kaiowá-guarani do município de Tucuru, Mato Grosso do Sul. E informava que os silvícolas ameaçavam com suicídio coletivo caso isso acontecesse.

A morte também alcança aqueles que tentam defender os índios. Não são poucos os indigenistas que foram assassinados pelos exploradores dos silvícolas. Antônio Pedroso de Assis, em outubro último, foi morto quando participava de uma operação de de-

sobstrução do Garimpo Ferrugem, na reserva indígena de Sararé, Noroeste de Mato Grosso. Antônio trabalhava no posto indígena de Maimandê (MT) e fazia parte de um grupo que pretendia prender os garimpeiros instalados ilegalmente naquela região.

Tudo isso, obviamente, repercutiu lá fora. Daí que o Parlamento Europeu aprovou resolução que pede ao governo brasileiro o combate "com firmeza" das invasões às terras indígenas e à violência policial contra os índios. Pediu, também que os culpados não fiquem impunes. A preocupação daquele Parlamento foi devido ao suicídio de 36 índios guaranis em Mato Grosso do Sul.

No momento em que o governo tenta resolver o gravíssimo problema dos sem-terra, poderia colocar na mesma pauta a questão das reservas indígenas.

Os ianomamis

Ainda existem muitas tribos espalhadas pelo interior do País, arredias a qualquer contato com o homem branco. De acordo com a Funai, elas englobam 59 grupos desconhecidos, que estão dispersos por uma área equivalente a 50% do nosso território. Somente na Amazônia, existem 22 dessas tribos. Ainda recentemente, o sertanista Marcelo Santos, chefe de uma expedição em Rondônia, deu de cara, no município de Corumbiara, com quatro índios de fala estranha.

Entre as tribos mais conhecidas estão os ianomamis, que hoje não passam de 10 mil, entre homens, mulheres e crianças e vivem em Roraima. É bem verdade que eles ocupam uma área do tamanho de Portugal, o que corresponde a um índio para cada 10 quilômetros quadrados, o que lhes dá uma densidade populacional menor do que a do Deserto do Saara. Dando razão a algumas autoridades, com o ministro Jobim, que querem diminuir o tamanho de suas terras.

Acontece, porém, que não é bem assim, uma vez que, nos últimos anos, aquela região foi invadida por toda sorte de aventureiro em busca do ouro, transformando totalmente o viver antes tranqüilo dos ianomamis. Para que se tenha uma idéia dessa invasão, é bastante que se informe que, nos melhores tempos da garimpagem, ali foram produzidas 2 toneladas de ouro mensais, o dobro do que era extraído, então, em Serra Pelada.

Com os brancos, chegou toda sorte de enfermidade e vício. Em três anos, de 1988 a 1990 morreram cerca de 1.500 ianomamis, quase 15% da população total. Presa fácil para os invasores, já que os ianomamis são considerados o povo mais primitivo da Terra (não conhecem a escrita, andam nus, só fa-



Wagner Soares

bricam instrumentos bem primitivos e vivem de uma agricultura precária de mandioca, banana e cana, para comer, e tabaco para esfregar nas gengivas), é óbvio que serão facilmente dizimados, se não for feito nada para defendê-los.

ALCOOLISMO
Apontado como
causa da
maioria dos
suicídios